

Por isso, precisamos sensibilizar as autoridades competentes para que revejam a decisão. Considerando o potencial de consumo industrial, o fato é especialmente grave para Goiás, que teme perda de competitividade em relação aos Estados do Sul e do Sudeste, uma vez que o gás natural é um combustível mais limpo e de queima uniforme, fator que reduz o impacto ambiental e proporciona ganhos na produtividade.

Assim, é tempo de mobilização das autoridades estaduais, juntamente com as bancadas no Congresso Nacional e os empresários, para que o Ministério das Minas e Energia modifique seu veredicto.

Considerando que o processo de industrialização de Goiás vem crescendo em valores percentuais acima da média nacional e que a energia barata – proveniente do gás natural – será de extrema importância para o desenvolvimento ulterior do estado, cabe-nos, como parlamentar, emprestar nosso total apoio à luta pelo ramal do gasoduto em terras goianas.

Obrigado a todos pela atenção dispensada.

O SR. FERNANDO GONÇALVES (PTB – RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, o Presidente Fernando Henrique Cardoso está anunciando o Plano Plurianual – PPA, em conformidade com o previsto na Constituição Federal, pelo qual são definidas as prioridades para os investimentos públicos e a atuação da iniciativa privada, nos próximos quatro anos.

Trata-se de um documento de real importância para a Nação, porque ele consubstancia compromissos claros e firmes visando à retomada do crescimento econômico, conseqüentemente, a geração dos empregos pelos quais estamos a reclamar com tanta insistência.

Alguns aspectos precisam ser devidamente analisados, Sr. Presidente. Na área de infra-estrutura, em que foram detectados os principais obstáculos para o crescimento econômico, a intenção é proporcionar melhorias em telecomunicações, transportes e energia, cujos projetos envolveriam recursos da ordem de R\$177,5 bilhões, durante o período que começa em 2000 e se estende ao ano de 2007.

No plano social, indica-se um conjunto de ações em setores fundamentais, como saúde, educação, habitação e saneamento, para o que seriam investidos R\$112,8 bilhões no mesmo período.

Como se observa, embora o PPA, também chamado de Avanço Brasil, tenha abrangência de quatro anos, as projeções de inversão de recursos nos seto-

res de infra-estrutura e da área social compreendem espaço de tempo de oito anos, o que representa uma novidade no Brasil de uma demonstração de arrojo do atual Governo, pois, como se sabe, não há tradição, em nosso País, de planejamento a longo prazo.

Sr. Presidente, aos se examinar o total de 112,8 bilhões de reais a serem investidos, nos próximos oito anos, nas áreas sociais, verifica-se que ele não traduz as verdadeiras necessidades para a Nação reduzir substancialmente os problemas de saúde, educação, saneamento e habitação. Note-se que a previsão indica o compromisso de se atribuir menos de 15 bilhões de reais por ano a essas áreas, hoje, absolutamente carentes.

A minha preocupação maior, no entanto, Sr. Presidente, refere-se a como serão obtidos esses recursos, que chegam a 290 bilhões de reais, para cumprir os objetivos do Plano Plurianual, praticamente um terço do PIB brasileiro verificado no fim de 1998.

É notória a incapacidade das contas públicas brasileiras de gerar excedentes orçamentários, tendo em vista o montante pago de juros da dívida interna, desembolso que nos seis primeiros meses do corrente ano igualou-se ao total despendido em todo o exercício anterior. O próprio Governo incluiu na proposta de Orçamento para o ano 2000, agora também encaminhada ao Congresso, a prorrogação do adicional de Imposto de Renda de pessoa física, do Fundo de Estabilização Fiscal e de outros instrumentos que permitam elevar a arrecadação, numa tentativa de obter equilíbrio nas contas, cada vez mais comprometidas com o pagamento de juros.

Fico, então a imaginar como o Governo irá conseguir tamanho volume de recursos para tomar plenamente exequíveis os projetos hoje anunciados, se não há mais espaço para aumento de arrecadação, a iniciativa privada também carece de recursos e igualmente não existe margem para novos endividamentos no mercado financeiro internacional.

Por isso, ficarei atento aos desdobramentos dessa importante notícia traduzida pelo anúncio do PPA, com a esperança e a expectativa de que o Governo do Presidente Fernando Henrique efetivamente comece a dar respostas concretas aos grandes anseios do Povo brasileiro por mais crescimento e emprego, e por melhores condições de vida.

Era o que tinha a dizer.

O SR. JOAQUIM FRANCISCO (PFL – PE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, a sociedade brasileira vem de acompanhar, pelos mais variados veículos de comunicação social, os Jogos Pan-Americanos realizados na

cidade canadense de Winnipeg. Nesta décima terceira versão do PAN, a delegação nacional se fez presente não apenas com o maior número de atletas de sua história, como também participou de quase todas as modalidades incluídas na pauta da competição.

O objetivo do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), como sabemos, foi plenamente alcançado: obtivemos um número recorde de medalhas, o que nos assegura honroso quarto lugar, abaixo dos Estados Unidos, de Cuba e do país anfitrião.

Louve-se, assim, a abnegação do seu ilustre Presidente, Carlos Arthur Nuzman, cuja administração à frente da entidade decerto vem propiciando a abertura de novos caminhos para o esporte nacional. Embora esses caminhos ainda estejam longe de conduzir o Brasil, como pretende o Presidente do COB, à condição de "potência olímpica", passos significativos já vêm sendo dados neste sentido. Talvez o mais importante deles seja a inovadora mentalidade que ganha forma nos diversos segmentos que compõem a nossa Nação, mentalidade esta ainda excessivamente centrada no nosso esporte mais popular e glorioso – o futebol, sobretudo o profissional. Sem prejuízo dessa preferência futebolística, impregnada de saudável paixão, já é mais do que tempo de também valorizarmos, na medida das suas próprias características e afinidades com a alma brasileira, outros setores da atividade desportiva que têm igualmente honrado a nossa bandeira, como é o caso mais recente da natação e do atletismo.

Nunca será demais ressaltar a importância dessas disputas internacionais, inclusive as de nível regional e continental, a exemplo da que acaba de ocorrer em Winnipeg, as quais culminarão, em seu espectro mais amplo e abrangente, nos Jogos Olímpicos de Sidney, na Austrália, que encerrarão o ciclo das olimpíadas modernas deste século.

Nunca será demais também destacar o caráter de elevada política de aproximação dos povos que essas competições ensejam. Elas abrem espaço para um vigoroso intercâmbio de múltiplos conhecimentos, que em muito transcendem o âmbito puramente esportivo para certificar um sentido de verdadeira convocação à convergência, mesmo quando rivalidades se acirram e políticas menores entram em jogo.

De toda forma, chega a ser alentador verificar que, em meio a tantos conflitos que desafiam a permanente busca de alternativas pacíficas em vários espaços do globo, os desportos de um modo geral, e os olímpicos em particular, atuam como elemento

aglutinador nesse cenário de peculiaridades e desencontros.

Registre-se, portanto, Sr. Presidente, o nosso voto de louvor ao Comitê Olímpico Brasileiro, evidentemente extensivo aos mais de quatrocentos atletas que compuseram a nossa delegação. Atletas que, no triunfo ou na frustração das marcas, dos recordes e dos pódios, honraram as nossas tradições esportivas e mais uma vez demonstraram o nosso imenso potencial nas dezenas de modalidades e categorias em que estiveram empenhados.

Mais ainda: exalte-se o esforço de divulgação que foi uma das tônicas destes Jogos Pan-Americanos, o que é também fator de despertar da nossa juventude para salutar engajamento às práticas esportivas, como ferramenta para o próprio aperfeiçoamento da nacionalidade, para a integração com as demais nações do globo e, acima de tudo, para a melhoria das condições de saúde e educação das gerações presente e futuras.

Sr. Presidente, Sras, e Srs. Deputados, feitos estes registros, em observância a um princípio de justiça, parece-nos oportuno ressaltar, entretanto, um aspecto da matéria em pauta, a fim de que se evitem distorções, superdimensionamentos e até mesmo contrafações ao espírito que deve prevalecer em todos os desportos e, ainda mais enfaticamente, naqueles diretamente vinculados aos preceitos olímpicos.

Sabe-se que toda competição, mesmo as mais elevadamente exercidas e mais civilizadamente cultivadas, carrega em sua essência um componente de exacerbação. Se o importante não é ganhar, e sim competir, como preceitua o ideal olímpico, o realismo manda notar que esse ideal, tanto nos esportes individuais quanto nos coletivos, somente em parte é atingido: isto ocorre naquele momento em que vencedores e perdedores se confraternizam em mútuo respeito.

Substancialmente, porém, o que se busca é a vitória, embutida no âmago mesmo da competição, e simbolizada, no caso desses encontros plurinacionais, no quadro de medalhas que se concedem aos participantes isoladamente.

Para além do aspecto individual, portanto, e até do aspecto clubístico, o que sobressai nessas disputas é o acirrado sentimento de nacionalismo, presente, aliás, em todos os certames entre nações, de que é flagrante exemplo, para os brasileiros, a Copa do Mundo de Futebol.

É algo assim como se a própria Pátria se projetasse nos espaços em que se realizam as provas.

Tanto que, a cada concessão de prêmios, é executado, em clima costumeiro de forte emoção, o hino nacional do atleta ou do grupo vencedor.

E é aí, Sr. Presidente, Srs. Deputados, é aí, nesses momentos de alta carga emocional, quando a comunidade se sente representada pelos atletas e os veículos de comunicação de massa intensificam essa representatividade, é aí que podem aflorar sentimentos e gestos onde um excessivo emocionalismo se sobrepõe até mesmo ao bom senso.

Nesses Jogos Pan-Americanos criou-se, no Brasil (e certamente em outros países, com diferenças de grau e escala), um ambiente psíquico que impregnou parte ponderável da nossa população, contagiada com sentimentos inamistosos e mesmo hostis em relação aos outros competidores, e de maneira muito especial aos que compõem o universo geopolítico latino-americano.

À medida que as competições avançavam, as marcas iam sendo registradas, os hinos iam sendo entoados, as bandeiras iam sendo desfraldadas e o quadro de medalhas ia assumindo contornos mais nítidos, o sistema nervoso nacional ia como que perdendo seu equilíbrio. Passou a circular, pelo corpo da Nação, uma onda de eletricidade emotiva que, em alguns momentos, assumiu a um grau de intensidade vizinho do fanatismo. Era como se estivéssemos, os brasileiros, pendentes daquela tabela de prêmios. Era algo assim como se estivesse em jogo a honra nacional, a nossa afirmação como povo, o nosso brio, a nossa identidade, a nossa capacidade de auto-realização.

Pode-se legitimamente ponderar, Sr. Presidente, que essa extrapolação, para o mundo dos esportes, de componentes do chamado psiquismo nacional, longe está de ser apanágio brasileiro. Com efeito, essa exorbitância tem atingido, em níveis de exacerbação que se diriam crescentes, praticamente todas as regiões do globo, e não somente as geográficas. Chega a impressionar — para não dizer “assustar” — a frequência com que comunidades altamente evoluídas, que já atingiram patamares invejáveis de civilização, riqueza e mesmo hegemonia, se vêem arrastadas por essa onda de nacionalismo, regionalismo, provincianismo, clubismo e até, neologicamente falando, logotipismo.

Pode-se igualmente ponderar ser esse um fenômeno coletivo que os psicólogos de massa costumam apelidar de “transferência” ou “compensação”, no qual o aspecto lúdico passa a ocupar espaços da realidade factual. Nos tempos globalizados que vivenciamos, tal fenômeno, ao invés de contraditório, encon-

traria sua fonte numa espécie de reação localizada a esse processo de mundialização e de extinção de fronteiras.

O fato de ser explicável ou interpretável ou mesmo justificável não subtrai ao fenômeno o seu componente deplorável e nocivo quando incontrolavelmente superdimensionado. Seu risco maior reside exatamente na sua transposição, da esfera esportiva, para âmbito generalizado e ilimitado do inter-relacionamento entre países e seus povos. Países e povos que, até por mais ligados a nós quando nada por destinação geopolítica, são credores do nosso respeito e entretêm conosco ideais comuns e indissolúveis, que superam rivalidades tão naturais quanto benéficas, desde que percebidas em suas corretas dimensões.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, tão orgulhosos estamos das conquistas esportivas brasileiras em Winnipeg quanto mais estaremos de que estas conquistas simbolizem, aí sim, a nossa capacidade de superar as nossas deficiências e carências em outros planos da vida nacional. E ainda mais orgulhosos estaremos na medida em que façanhas atléticas alcançadas em quaisquer competições sejam uma consequência nítida e direta dos êxitos obtidos em nosso próprio território, vencidas barreiras que se antepõem ao nosso pleno desenvolvimento.

Era o que tinha a dizer.

Muito obrigado.

O SR. FEU ROSA (PSDB – ES. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, no cotidiano entrevero político-parlamentar que toma todo o tempo dos representantes do povo, poucas vezes se tem oportunidade de amenizar o ardor dos debates, tratando de assuntos que evidenciem, como é o que vamos abordar, a luta e o trabalho de segmentos civis da sociedade em prol do povo que representamos, especialmente a favor dos menos favorecidos.

Por isso é que, com muita satisfação — até mesmo com ufanismo —, quero deixar registrado nos Anais desta Casa, por ser de importância e justiça, a ação, o trabalho, o zelo e o êxito da administração do conterrâneo, meu Irmão José Américo Merlo, como Grão-Mestre da Loja Maçônica do Estado do Espírito Santo, cujo período administrativo termina em setembro, após um triênio de proficuas realizações.

Seria até cansativo enumerar, neste pronunciamento, todas as realizações do Grão-Mestre José Américo Merlo. Todavia, não posso deixar sem citar e exaltar suas principais conquistas, das quais avulta as Campanhas Dou Valor à Vida, Profis de Vitória e APAE de Cariacica. A primeira, uma campanha de ar-